



DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E REFLEXÕES

CARVALHO,Andrea¹

FERREIRA,Saviane²

CUNHA,Suellen³

Resumo

Este artigo apresenta o resultado da intervenção pedagógica, desenvolvida na aula de Projeto Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPE V) do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES), realizada em uma escola de ensino fundamental pertencente à rede municipal de São Mateus (ES). A ação teve por objetivo aplicar ferramentas de ensino de Língua Portuguesa para a turma do 2º ano da instituição, com foco particular em uma aluna, público da Educação Especial. A intervenção foi aplicada no dia 23 de Julho de 2025, no período vespertino, e fundamentou-se em jogos coletivos com desafios centralizados na silabação e no estímulo à consciência fonológica dos alunos. O artigo também apresenta a revisão bibliográfica de duas produções de Lev Vygotsky, importante pesquisador da temática, em defesa do uso de metodologias lúdicas, não convencionais e criativas no exercício da docência para alunos com deficiência, além de destacar a necessidade do estudo das especificidades desses educandos, a fim de criar práticas pedagógicas significativas e acessíveis.

¹ Graduando (a) do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: andrea.carvalho@edu.ufes.br

² Graduando (a) do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: saviane.ferreira@edu.ufes.br

³ Graduando (a) do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: suellen.cunha@edu.ufes.br





Palavras-chave: Educação. Deficiência. Metodologia.

Introdução

A alfabetização é um processo fundamental na formação escolar, pois possibilita ao estudante desenvolver competências de leitura e escrita que servirão de base para toda a sua trajetória pessoal e acadêmica. Uma das habilidades indispensáveis a serem desenvolvidas durante esse processo pelo aluno é a consciência fonológica. Tal perspectiva é endossada por Morais (2012), que define a consciência fonológica como a capacidade de pensar sobre os segmentos sonoros das palavras que dizemos. Capovilla e Capovilla (2000) também reforçam que o treino dessa habilidade favorece significativamente o processo de alfabetização. No entanto, observa-se que o trabalho dessas habilidades com alunos com deficiência deve ser fundamentado em propostas que atendam às especificidades dessas crianças, principalmente, por meio da ludicidade.

Diante deste pressuposto, o estudo teve como objetivo geral promover o desenvolvimento da consciência fonológica e da formação de palavras por meio de atividades lúdicas e acessíveis, favorecendo o processo de alfabetização e a inclusão da aluna público-alvo da educação especial pertencente à classe escolhida. Essa prática teve por os objetivos específicos desenvolver a percepção de sons finais e iniciais das palavras por meio de rimas, estimular a identificação, segmentação e combinação de sílabas para formar palavras simples e complexas, ampliar o vocabulário a fim de favorecer a leitura e escrita iniciais e promover a participação ativa e inclusiva da aluna nas atividades coletivas. Como afirma Mantoan (s/d), as escolas devem eliminar barreiras e adotar práticas de ensino que considerem as diferenças de todos os alunos, oferecendo alternativas diversificadas, com recursos educacionais e equipamentos especializados, de forma a atender às demandas de estudantes com ou sem deficiências, sempre sem discriminação.

O trabalho de campo foi realizado em uma turma dos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola municipal, no bairro Litorâneo, em São Mateus (ES). A instituição atende aos anos iniciais e finais do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino, a sala de aula é grande em relação a quantidade de alunos na turma, limpa e organizada. A escolha da turma e da aluna com a qual o trabalho de inclusão





foi realizado ocorreu a partir das observações de uma integrante do grupo, que realizava estágio obrigatório nessa turma. Durante esse período, a aluna, que será tratada neste artigo pelo nome fictício de Alice, chamou a atenção da estagiária pela maneira simples e carinhosa de ser e as duas desenvolveram uma proximidade que favoreceu o desenvolvimento da intervenção em sala de aula. Felizmente, o grupo foi muito bem recepcionado na escola, tanto pelos funcionários quanto pelos alunos da turma escolhida para a aplicação do projeto. A professora regente, sempre muito atenciosa com o grupo, demonstrou grande engajamento com a proposta, oferecendo apoio sempre que necessário.

As atividades foram realizadas de maneira organizada e objetiva, buscando oferecer maior facilidade de compreensão para os estudantes. Nesse sentido, o planejamento contemplou tanto o nível de aprendizagem da aluna público-alvo da educação especial quanto o dos demais estudantes da turma. Durante a aplicação do projeto, as atividades foram conduzidas pelo grupo, que, além de orientar os alunos, buscou garantir o protagonismo das crianças, atuando apenas como mediadores do processo. Ao longo da intervenção, foram observadas as dificuldades, avanços, interações e trocas de ideias entre os colegas, o que contribuiu para o desenvolvimento coletivo da turma. A principal dificuldade encontrada relacionou-se à limitação do tempo disponível, que se mostrou insuficiente para concluir todas as atividades propostas. Entretanto, o trabalho foi bem sucedido, contribuindo de forma positiva para o desenvolvimento de todos os alunos, principalmente da aluna Alice. As atividades executadas foram jogos de rimas, exercícios de formação de palavras e bingo silábico, a fim de estimular a segmentação silábica, formação de palavras simples e complexas e o reconhecimento visual e auditivo de sílabas e palavras. As propostas lúdicas foram fundamentais para que os alunos se expressassem livremente e compreendessem a temática abordada.

A primeira etapa do trabalho consistiu na elaboração da proposta de intervenção, na qual foram definidos a temática, a justificativa, os objetivos, os conteúdos a serem desenvolvidos, as atividades e os recursos didáticos. A segunda etapa envolveu a aprovação da professora mestrande, que analisou as atividades criadas pelo grupo, oferecendo sugestões e orientações sobre os pontos positivos, aspectos que poderiam ser aprimorados e estratégias para trabalhar as atividades com os alunos, especialmente com a aluna público-alvo, Alice. Na terceira etapa, foram realizadas as alterações necessárias na proposta e nas atividades planejadas,





além da confecção dos materiais pedagógicos para o dia da aplicação. A quarta etapa compreendeu a aplicação em sala de aula, de forma lúdica e atrativa, envolvendo todos os alunos da turma. As atividades planejadas foram executadas com sucesso, garantindo a participação ativa de todos os estudantes, principalmente Alice, que se envolveu plenamente em todo o processo. O grupo manteve-se engajado durante toda a intervenção, participando ativamente em todas as etapas da proposta. Uma integrante ficou responsável por apresentar e explicar as atividades aos alunos, enquanto as outras duas apoiavam as crianças, esclarecendo dúvidas e incentivando a exploração de suas curiosidades.

Revisão teórica

O debate a respeito da educação especial é crescente no Brasil e, entre as questões levantadas, cabe destacar as possibilidades e barreiras enfrentadas pelos docentes diante da necessidade de ensinar, de forma eficaz e inclusiva, as crianças pertencentes a esse grupo. Embora observa-se significativos avanços nas metodologias utilizadas para o atendimento desses alunos nas salas de aula, garantindo ambientes de maior inclusão, ainda é possível perceber entraves que inviabilizam a consolidação desse cenário que, por vezes, são endossados pelos próprios docentes.

Inicialmente, é conveniente mencionar que é possível encontrar educadores resistentes aos métodos alternativos que frequentemente são necessários para a participação e aprendizagem dos alunos com deficiência. Tal questão se justifica, entre outros fatores, pela percepção errônea que muitos professores possuem de que o uso de metodologias alternativas demanda muito tempo e energia sem gerar resultados satisfatórios para a aprendizagem do aluno. Desse modo, recusam-se a compreender a necessidade de atividades que atendam as especificidades dos alunos da educação especial, assumindo que as limitações biológicas dessas crianças são determinantes para que não consigam progredir em sua escolarização.

Tal perspectiva é fortemente refutada pelo pensamento do psicólogo russo Lev S. Vygotsky (2011), renomado estudioso da aprendizagem das crianças com deficiência. O autor postula que o aspecto social do indivíduo com deficiência também exerce profunda influência no desenvolvimento das “funções superiores” do aluno, isto é, da cognição e da cultura. Com essa postura, tais docentes revelam que desconsideram esse fator, contrariando o pensamento de Vygotsky, que aponta que





desacreditar no processo de ensino-aprendizagem direcionado à criança com deficiência em virtude de suas condições fisiológicas é obstruir as possibilidades de conhecimento desse indivíduo, que se manifestam socialmente. Tais possibilidades são denominadas pelo autor como “caminhos indiretos”, ou seja, ferramentas não convencionais que atendem especialmente as demandas do aluno com deficiência, de modo que ele não seja excluído do processo educativo em sala de aula, consoante a afirmação de Vygotsky:

A estrutura das formas complexas de comportamento da criança consiste numa estrutura de caminhos indiretos, pois auxilia quando a operação psicológica da criança revela-se impossível pelo caminho direto. Porém, (...) uma vez que o meio social, desde o início, oferece à criança uma série de caminhos indiretos, então, muito frequentemente, não percebemos que o desenvolvimento acontece por esse caminho indireto. (VYGOTSKY, 2011, p.864)

Dessa forma, a educação de crianças com deficiência necessita do uso de caminhos indiretos. No entanto, outro grupo de docentes é percebido quando se trata dessa questão: àqueles que se sentem despreparados para utilizar as metodologias alternativas com vistas a atender esse público. Tal cenário é notável, não raramente, em salas de aula nas quais os alunos com deficiência realizam “atividades adaptadas” que, na realidade são excessivamente simplórias, desestimulantes, subestimam ou sequer exploram suas capacidades e, na maioria das vezes, não têm relação com o conteúdo programático que deveria ser ensinado. Sobre essa problemática, Vygotsky aponta:

Há ainda um ponto extremamente importante, que pode ser assim formulado: o desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade; se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar. (VYGOTSKY, 2011,p.866)

Os educadores, portanto, não devem limitar a abordagem direcionada a essa criança a partir da sua limitação biológica, mas buscar desafiá-la em sua prática docente a partir de elementos lúdicos e sociais. É de pouca dúvida, desse modo, o caráter social, histórico e cultural da aprendizagem infantil, referente a uma criança com ou sem deficiência. Vygotsky (2011), ao tratar dessa temática em seu texto “Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança mentalmente atrasada¹” , cuja tradução também foi publicada na revista “Educação e Pesquisa”, aponta que, em vez de limitarem-se a oferecerem atividades ineficazes para seus alunos com deficiência, os docentes devem estudar suas especificidades com vistas à elaboração de estratégias pedagógicas que despertem a curiosidade, empenho e,





por consequência, a apreensão dos conceitos estudados em sala de aula por parte da criança com deficiência:

A criança mentalmente atrasada não é feita apenas de lacunas e defeitos, seu organismo como um todo se reconstrói. Toda a personalidade equilibra-se, é compensada por processos de desenvolvimento infantil. É importante saber não só que doença a pessoa tem, mas que pessoa tem determinada doença (...) (VYGOSTSKY, 2018, p.5)

Vale ressaltar que o pensamento vygotskiano estabelece que a escolarização de um aluno com deficiência é inevitavelmente criativa, pois é pautada na formulação de novos meios de estudo para a obtenção de resultados costumeiros, como contas de matemática. Diante dessas considerações, é indubitável a necessidade de reavaliar a postura docente em sala de aula frente ao ensino de crianças com deficiência. Assim sendo, esta proposta de intervenção pedagógica buscou aproximar-se do pensamento de Vygotsky apoiando-se na ludicidade como ferramenta para a inclusão social e estimulação cognitiva da aluna alvo desta proposta.

1 Nos estudos da época era comum o uso de termos como “mentalmente atrasados”, “débeis”, “anormais” para se referir a indivíduos com deficiência. Atualmente tais nomenclaturas não são mais socialmente aceitas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Informações gerais sobre a Escola

As observações para a elaboração da proposta de intervenção foram realizadas em uma escola, localizada em São Mateus-ES. A coleta de dados foi feita na turma do 2º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino. A escola apresenta uma estrutura física bastante precária. Possui biblioteca e uma quadra poliesportiva ampla, porém com pontos danificados.

A sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE) é pequena, mas conta com alguns recursos didáticos, como jogos, livros, cartolinhas, materiais recicláveis e reutilizáveis. As salas de aula são grandes e espaçosas, no entanto, o ambiente é bastante barulhento, devido à existência de dois horários de recreio, o que gera grande movimentação nos corredores e frequentemente atrapalha as aulas.

Na sala em que foi aplicada a proposta de intervenção, há um “cantinho da leitura”, porém, sem livros. As paredes são decoradas com o alfabeto, números e cartazes confeccionados pelos próprios alunos. Entre os cartazes, destaca-se um que conscientiza sobre “os perigos de soltar pipas”.





A inclusão escolar: um relato das vivências do estágio em sala de aula

A Educação especial deve ser promovida em todas as atividades pertinentes ao currículo e aos espaços de ensino, sobretudo, a sala de aula, na qual os alunos passam a maior parte do tempo. De acordo com a Lei nº 9.394/1996:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.(BRASIL, 1996, p. 29)

A análise dos dados coletados busca compreender como desenvolve-se o processo de escolarização de alunos com deficiência no ambiente escolar a partir das informações obtidas por meio de entrevistas e observações na escola alvo da proposta. O foco da pesquisa foi Alice, uma aluna com diagnóstico de autismo, nível 1 de suporte, acompanhada por uma cuidadora e matriculada no ensino comum. A aluna recebe atendimento no AEE às segundas e quintas-feiras, no mesmo turno em que frequenta a escola.

No primeiro dia de observação, a aluna mostrou-se receptiva e carinhosa. Não demonstrou problemas relativos à socialização: brincava constantemente com os colegas, compartilhava lanches e objetos e participava de atividades em duplas ou grupos. Durante o recreio, Alice geralmente acompanhava a estagiária e a professora nos corredores da escola e ajudava com a organização de seus materiais. Alice apresentava com frequência a necessidade de fazer pausas durante as atividades propostas e saía da sala após o intervalo para caminhar pela escola. Quando demonstrava cansaço, a professora colocava um tapete no chão para que ela pudesse deitar e descansar.

Alice é muito participativa. Nos momentos em que recebia fichas de leitura, ficava ansiosa para lê-las diante da professora. Em uma atividade sobre rimas e poemas, a professora solicitou que ela criasse uma rima. Com o apoio da cuidadora, Alice conseguiu realizar a tarefa. Segundo a cuidadora, “Alice sabe rimar, porém tem dificuldade em formar palavras”. Por isso, ela oferece suporte durante as atividades escritas.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE): caminhos indiretos para as especificidades de Alice

Em entrevista com a professora do AEE, informações mais detalhadas sobre Alice foram obtidas, a fim de centralizar a proposta de intervenção nas especificidades que ela apresenta. Alice é caracterizada pela professora como uma aluna ativa e que





costuma desenvolver bem as atividades propostas, fato notabilizado durante as observações de estágio pontuadas no item anterior deste artigo. No entanto, segundo a docente, há momentos em que ela se mostra indisposta ou sobrecarregada e, nesses casos, não deseja realizar as tarefas.

A professora do AEE destacou que procura sempre alinhar as atividades com os conteúdos abordados em sala de aula, mantendo diálogo constante com a professora regente. Ela reforça a importância dessa articulação, para que o trabalho desenvolvido no AEE contribua para o processo integrado de ensino-aprendizagem. Segundo a professora, “a família da Alice é bem presente e participativa, e demonstra grande interesse no desempenho escolar da aluna”. As atividades propostas no AEE são dinâmicas, com foco no desenvolvimento cognitivo.

A professora utiliza diferentes tipos de jogos como recursos pedagógicos, especialmente quando Alice está estressada ou demonstra indisposição para participar dos atendimentos. Como ela mesma relata: “Eu sempre recorro aos jogos e brincadeiras quando Alice está muito agitada ou não quer interagir e participar.” Partindo de tal afirmação, fica evidente que o uso do jogo e de outras metodologias de ensino estimula a interação social, promove a inclusão, além de desenvolver habilidades cognitivas e emocionais.

Proposta de intervenção: a ludicidade como recurso facilitador do processo de ensino-aprendizagem na Educação especial

A proposta de intervenção foi elaborada a partir das observações realizadas em sala de aula, considerando os conteúdos que estavam sendo trabalhados, como rimas, poemas e poesias. A observação do cotidiano da sala evidenciou que a turma se engajava nas aulas a partir do uso de jogos relacionados aos conteúdos lecionados, prática realizada frequentemente pela professora regente. Dessa forma, a intervenção teve por fundamento não apenas a necessidade de valorizar e desenvolver as potencialidades de Alice, bem como promover a apreensão dos conteúdos a partir das experiências coletivas dos alunos e, com apoio da professora regente, as atividades foram aplicadas com toda a turma.

Os recursos lúdicos propostos para fixação dos conteúdos de sílabas e rimas, abordado em sala de aula, foram o jogo das rimas e o bingo silábico. Para a aplicação, organizou-se a sala em círculo, contando com o apoio da professora, uma vez que os alunos estavam mais agitados naquele momento. O jogo das rimas foi realizado da





seguinte forma: o professor dizia uma palavra e o aluno deveria pular na palavra mencionada, que se encontrava escrita em um cartão no chão, misturada com outras palavras, também escritas em cartões, previamente espalhadas. Como recurso de apoio, utilizou-se imagens projetadas no computador. A atividade foi bem-sucedida: os alunos mostraram-se participativos e engajados, embora alguns apresentassem dificuldades para identificar as rimas, recorrendo às imagens como suporte.

O bingo silábico foi conduzido da seguinte maneira: cada aluno, em posse de uma cartela contendo sílabas aleatórias deveria marcar a sílaba correspondente a que foi sorteada pelo professor. O aluno que marcasse a cartela completa, vencia a rodada. Como recurso de acessibilidade, foram utilizadas letras ampliadas e símbolos visuais. A atividade foi divertida e garantiu ampla participação, porém dificuldades em diferenciar sílabas com sons semelhantes, como PA–BA; PI–BI; FA–VA; TE–DE, foram identificadas. Nessas situações, foi necessário repetir as sílabas ou inseri-las em frases para maior clareza. Observou-se também que a aluna Alice demonstrava frustração quando sua cartela não continha a sílaba sorteada.

Já a terceira atividade planejada (formação de palavras a partir da junção de sílabas) não pôde ser aplicada, uma vez que as duas primeiras atividades consumiram a maior parte do tempo. De modo geral, a turma participou de forma ativa e demonstrou entusiasmo, especialmente durante o bingo silábico. A professora regente mostrou-se colaborativa e paciente durante todo o processo.

CONCLUSÃO

A realização da proposta de intervenção pedagógica foi uma experiência enriquecedora para o grupo, embora permeada de desafios, como a falta de recursos pedagógicos da escola, ambiente barulhento, fator que prejudicou a concentração dos estudantes, principalmente de Alice. Entretanto, a execução da proposta proporcionou à equipe a aplicação de inúmeros conhecimentos norteadores do exercício da docência, como a importância da consciência fonológica para a alfabetização, principalmente para alunos público alvo da educação especial, a necessidade de atividades lúdicas para estimular os alunos e a inclusão dos alunos público alvo da educação especial em atividades coletivas na sala de aula.

REFERÊNCIAS

13 a 17 de outubro de 2025

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES
São Mateus - ES





CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C. **Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico.**

Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 28, n. 1, p. 1-9, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/hjw35SdqgzJ6w4LQtxzYVPk/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na alfabetização.** In: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE). Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/consciencia-fonologica-naalfabetizacao>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 1. ed. São Paulo: Moderna, [s.d.]. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMariaTeresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança mentalmente atrasada.** Educação e Pesquisa., São Paulo, v. 44, e44003001, 2018.

